

*Ilustração
Portuguesa*

II SERIE N.º 751

Lisboa, 12 de Julho de 1920

20 cent.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portuga, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$80 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e officinas Rua do Seculo, 43 — LISBOA

INSTITUTO CLINICO DO RADIUM

Direcção tecnica do medico **Dr. DECIO FERREIRA**

1/2 grama de Radium



Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radioactiva, Raios A, Alta frequencia (Darsonvalização), Banhos hidroelectricos de Luz e Ar quente, Electroterapia

Tratamento e cura do GANCRE, Angiomas, Nevus vasculares e pigmentares, manchas do vinho, Queloides e cicatrizes viciosas. Tuberculosos cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Lupus, pruridos, neurodermites, acné, eczemas, Fibromas e hemorragias uterinas. Metrites, Uretrites cronicas, blenorragia e suas complicações. Conjuntivites, Ozene. Manifestações terciarias da sífilis. Artristismo, gota, reumatismo, ciatica. Asma, diabetes, bocio. Doenças da pele, do coração, nevralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial, arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Apo-sentos para doentes.

RUA GARRETT, 61 — Telef. C.-2:570

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja — Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 3\$000 reis



ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA

Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • XAROPE **DESCHIENS** (PARIS)

de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Companhia de PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Ações.....	390.000\$00
Obrigações.....	284.220\$00
Fundos de reserva e amor-tização	340.000\$00
Escudos.....	1.024.220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Martiana e Sobrinhão (Tomar), Penedo e casal de Hermio (Lousã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereco telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 065. Porto, 117.

Academia Scientifica de Beleza

Directora **MADAME CAMPOS**

Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA

TELEFONE 3641

Só n'este estabelecimento as senhoras devem fazer os seus tratamentos e comprar os seus produtos de Beleza, por ser o unico competente em Portugal. As clientes d'este estabelecimento distinguem-se pela frescura ideal da cutis.

Consultas gratuitas por correspondencia enviando estampilha.

Depositos em LISBOA: Rua Augusta, 282. — No PORTO: Rua 31 de Janeiro, 234.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 751

Lisboa, 12 de Julho de 1920

20 Centavos



*A Illustração Portuguesa
Publicada em
A Ilustração do Porto
Princesa de Bragança*

Swaine

A princesa Nevada de Bragança

(«Cliché» Swaine).

Crónica



ENTRE as exposições artísticas de que tem sido fértil o ano que decorre, uma das mais interessantes é, sem a menor dúvida, a dos humoristas, agora aberta no salão nobre do teatro de S. Carlos. E' de caricaturas essa exposição e n'ela figuram portuguezes e espanhoes, estes em pequeno numero, uns e outros com trabalhos dignos de elotio, ainda mesmo os que no grande eublico produzem uma sensação de txeatralidade e de desequilibrio, pelo arrojo dos autores — apenas dois ou tres — que fugiram a todos os moldes habituais, para nos darem uma nova e extravagante visão da arte da côr do desenho.

São tres salas cheias de quadros, em que ha talento em abundancia e em que, a cada passo, se revela no artista uma curiosa indiferença pelos bens terrenos ou um inteiro desconhecimento do que sejam valor e preço. Raros são os que avaliaram as suas obras pelo que elas merecem e é assim que vemos indicadas no respectivo catalogo quantias verdadeiramente ridiculas, algumas das quais não pagariam o papel e a moldura, em qualquer estabelecimento da especialidade. Quando tanto se clama contra a carestia de tudo, quando se pedem exorbitancias pelo que ainda ha pouco tempo custava uma bagatela, um grupo de alegres rapazes dá este exemplo de isenção e de superioridade, oferecendo quasi gratuitamente algumas obras primas, com uma generosidade de nababo, como se trabalhassem para passar o tempo e não para ganhar a vida!

Depois d'esta observação pensará o leitor que a venda dos quadros referidos tenha sido enorme; pois engana-se, redondamente. Sendo esta a melhor exposição de caricaturas que temos visto em Lisboa, nenhuma até agora foi menos feliz em quantidade de compradores e isto, na nossa opinião, exactamente porque os preços são baixos; fossem eles justos, ou melhor ainda, exagerados e não faltaria quem quizesse ornamentar as paredes de sua casa com tão valiosos objectos. Talvez ainda estejam a tempo, os briosos rapazes; multipliquem por quatro ou por cinco as quantias primitivamente pedidas e verão que o numero de apreciadores do belo aumentará proporcionalmente. Onde está o opulento que tenha a coragem de pendurar n'uma sala, com mobiliario de muitos contos de réis, um simples quadrinho de cinco escudos?!

Já se sabe, ou se supõe saber, a quanto sobe a indemnisação que nos cabe pelos nossos esforços e pelas nossas perdas na guerra europea; a tres nações, entre as quais se conta Portugal, atribuem-se tres biliões e meio, pelo que os mais optimistas calculam para nós, n'uma operação que está longe de ter o rigor matematico, um bilião, cremos que de marcos em ouro.

Por mais voltas que demos á imaginação e mais graficos que desenhemos, comparando grandezas conhecidas, escapa-nos a comprehensão do que seja semelhante quantia, mas, a julgar pela satisfação cubitosa que temos visto em muitos olhares e pelo significativo ruido de mandibulas que nos tem chegado aos ouvidos, o tal bilião deve ser maquia de respeito.

Seja como fór, não aconselhamos os esperancados a que vão já fazendo despesas por conta do que lhes hade caber, porque lá diz a sabedoria das nações que é

conveniente não esperar pelo ovo ainda em gestação na galinha.

ASSOC ha dias pelo nosso porto um grande vulto da politica franceza dos ultimos tempos, o sr. Viviani, de quem os jornais deram muitas notas biograficas, mas que se mostron pouco menos que impenetravel á bisbilhofice da reportagem. Os fotografos conseguiram surpreender-lhe attitudes a bordo, no desembarque, em visita a livrarias da Baixa, mas o sorriso do ex-chefe do governo francès perante a objectiva foi absolutamente incaracteristico, significando apenas a amavel condescendencia d'um hospede que não tem motivos para se mostrar desagradavel. O mais que a insistencia dos jornalistas conseguin descobrir foi que o sr. Viviani se dirigia á America do Sul, na intenção de ali tornar bem conhecida a sua querida França, ou antes, de estabelecer o contacto, tão intimo quanto possivel, entre os respectivos povos.

Pelo visto, os politicos estrangeiros não interveem unicamente nas lutas internas, que nascem e morrem dentro de fronteiras; preocupam-se tambem com as consequencias d'essas lutas no exterior e vão pessoalmente procurar simpatias para o seu pais, dispensando intermediarios. E' um exemplo a seguir e que para nós teria dupla vantagem: a do estreitamento das relações internacionais e o da ausencia temporaria d'algumas respeitaveis pessoas de cuja sabia facundia estamos um nadinha fatigados.

AQUILINO Ribeiro, o illustre autor da «Via sinuosa» e da «Terra de Demo», essas duas maravilhas da literatura contemporanea, apparece-nos com um novo livro de novelas, «Filhas de Babilonia», no qual conserva as suas raras faculdades de suggestinador. Quem lêr a primeira linha da obra não a larga sem a percorrer toda, de tal maneira Aquilino Ribeiro sabe prender a atenção do leitor, por aqueles mil espontaneos traços, que constituem, afinal, a verdadeira arte.

Confessa o auctor, no prologo, que o tema do livro não é proprio á hora actual; alguns dos contos que elle encerra foram feitos em Paris, ha anos e o ultimo, «O derradeiro Fauno», advinha-se que foi escrito antes das «Terras do Demo» e a estas serviu, talvez, de esboço; nada d'isso, porém, os prejudica, desculpando-se até que o francesismo acuda á pena do escritor em assunto e dialogo franceses, pela sua antiga e declarada confissão de que não hesitaria em uma expressão portugueza que lhe não traduzisse perfeitamente o pensamento e uma franceza que a tal empenho correspondesse. E' verdade que posteriormente pareceu modificar essa opinião, pois que triunfantemente usou da nossa lingua, encontrando-lhe belezas desconhecidas, ou desprezadas, onde na verdade as havia, no povo, e convencendo-se de que outra não existe que o escritor melhor possi afeiçoar a todos os caprichos, como instrumento delicado e perfeitissimo que só requer, para que a obra saia completa, que a mão seja habil.

Não permite transcrições o exiguo espaço destinado á crónica, e lamentamos a dificuldade, porque, em razão da ancia de communicação que todos sentimos quando alguma coisa formidavel e bela nos domina, tentamos mil trechos das «Filhas de Babilonia» pelos quais o leitor veria que, louvando-as, por estas, palavras nem de longe conseguimos dar idéa do goso espirital que espera quem adquirir o livro.





OS GRANDES

MORTOS

Constantino Fernandes, o grande artista cuja perda todos lamentámos, além do pintor ilustre que foi, premiado e com obras em destaque no nosso Museu de Arte Contemporânea, era também um homem de ciência tão notável quanto modesto. Nas suas horas de descanso desenhava e construía instrumentos científicos aperfeiçoadíssimos. Possuía uma biblioteca notável sob o ponto de vista matemático e astronómico.

Afonso Branco, seu amigo, evoca hoje a sua figura serena, doce e recolhidamente modesta, comovidamente.

CONSTANTINO
FERNANDES

HA uns tantos anos — talvez trinta — fui levado pela família a uma festa para distribuição de prémios n'um collegio de grande nomeada, instalado no palacete conhecido pelo «dos Machadinhos», que mais modernamente se celebrison por n'ele ter residido Mariano de Carvalho.

Recordo-me d'essa cerimonia (presidida pelo Nuncio, creio que o celebre Vanutelli) e de dois «premiados», ambos marcantes para mim em consequencia da emoção

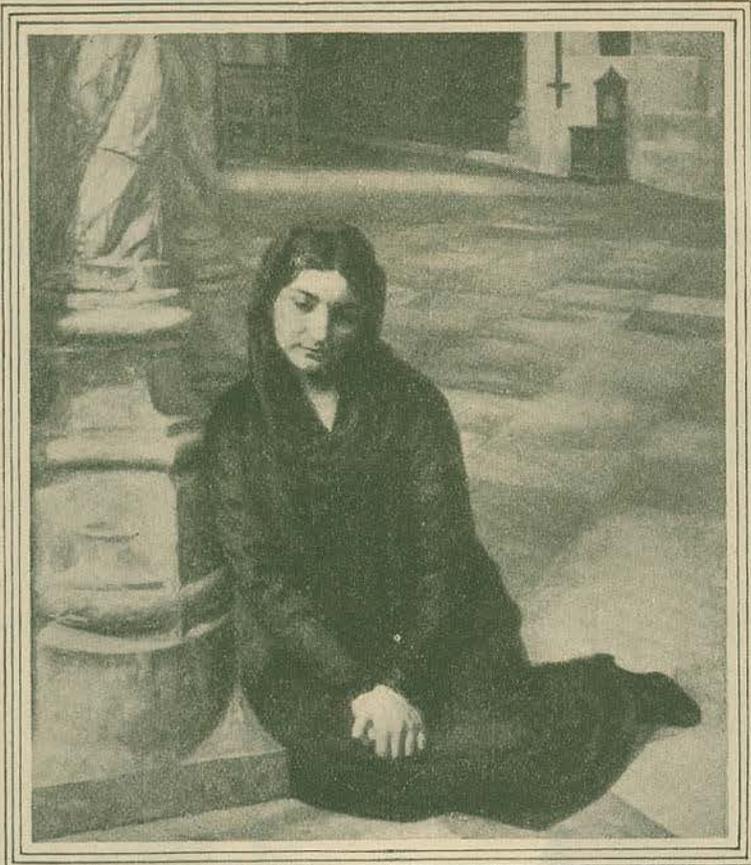
(«Cliché» do pintor David de Melo)

que as suas obras me temem causado: um fez-me «tio-avô» e outro fez as «Abandonadas» e os «Marinheiros».

O primeiro mudou de bairro; e o segundo, sempre equilibrado e humano, entendendo que a «Madragôa» não era mau sítio lá ficou vivendo, na-quele predio pequenito e muito alegre, entre joias d'arte e recordações, até que ao nascer da manhã de 21 d'êste junho quente e barulhento o seu formosissimo espirito se evolou serenamente, como serena de e correr a vida do justo a que pertenceu!

Eu creio firme e sinceramente no poder de Deus; e se a morte de Constantino Fernandes foi origem

«pintor feito», absolutamente seguro de todos os segredos da Arte e da Cór!

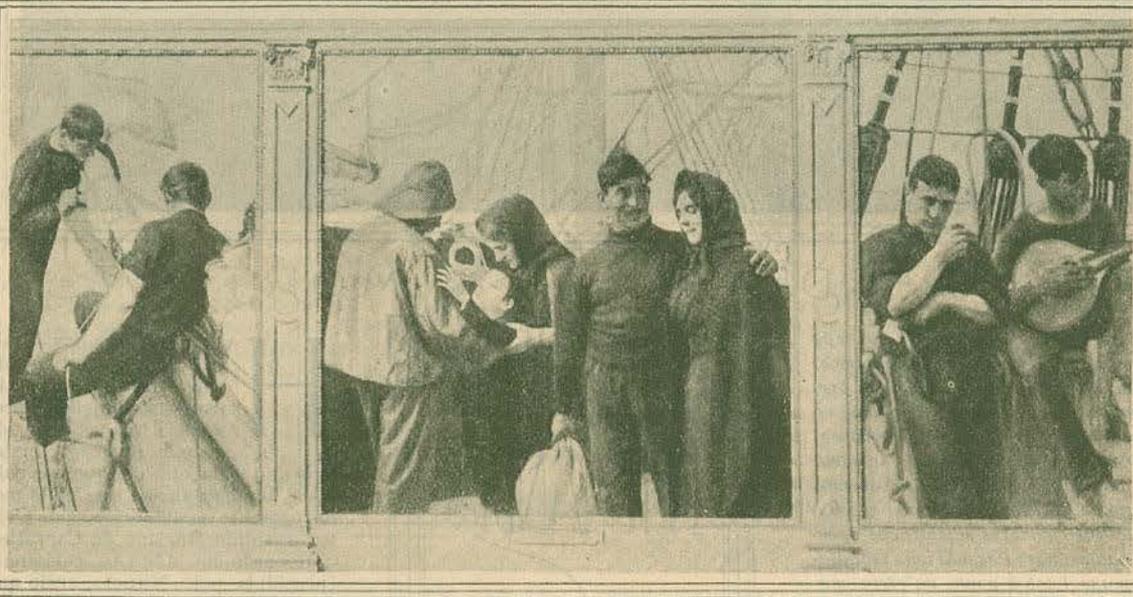


«Melancolia»

de um dos maiores desgostos que tenho padecido, devo confessar-me e o n formado com a vontade Divina ao dar-lhe a finalidade que só os bons, como ele, devem merecer. A hora é de tristezas e de receios, e eu não sei se deva recordar os celebres versos de Miguel Angelo, em resposta a Strozzi:

Grato m'e il sonno, etc.

Constantino Fernandes morreu aos quarenta e dois anos incompletos, (a) quando se podia dizer que só agora ele era um



O Triptico «Marinheiros». (No Museu d'Arte Contemporanea).

Nota. - (a) - Nasceu na freguesia da Lapa aos 29 de Setembro de 1878.



Constantino Fernandes no seu «atelier». No cavalete o quadro «Abandonadas», uma das suas obras primas.

Portanto, foi curta a sua vida artística, que teve começo em 1892, data da entrada para a Academia onde foi discípulo de Simões d'Almeida e de Veloso Salgado. Como pensionista do Estado, por concurso na Escola do Porto, seguiu para Paris em 1902 e aí teve como professores Cormon, Jean Paul, Laurens, Baschet e Schommer.

Terminado em 1905 o período de tres anos, partiu para Roma (tambem como pensionista do Estado) onde esteve um ano, percorrendo depois toda a Italia, Belgica, Holanda, Inglaterra e Hespanha em visita aos museus.

Quando em Paris, expoz no «Salon» de 1903 e 1904 da «Société des Artistes Français», tendo concorrido tambem ás exposições do Rio de Janeiro (1908) e Madrid (1912). Nas exposições de Lisboa a sua consagração foi rapida, visto que, expondo pela primeira vez em 1897, obteve «menção honrosa, logo seguida da «terceira medalha» em 1898 e da «segunda» em 1899.

Depois da ausencia de quatro annos, recebeu a «primeira medalha» em 1909 («Abandonadas») e a «medalha de honra» em 1913 («Marinheiros»).

Porém o pintor não estava ainda satisfeito com a perfeição dos seus trabalhos e esperava fazer melhor a calcular pelo seguinte: convidado para escrever uns artigos sobre os artistas portuguezes, enviei um «questionario» a diversos. Uma das perguntas era esta: «qual a sua obra mais querida»?

O Constantino foi breve, e claro, respondendo isto: «As futuras»...

A maioria do publico não compreendeu nem sentiu Constantino Fernandes. Ele, que era um sentimental, nunca se irritava ou exaltava sequer; e d'af, talvez que o segredo da «sua Arte» fosse consequencia d'aquella serenidade de sempre, uma «maneira» sem gritos nem berros, toda calma e verdade!

Alguns, tem attribuido a «maneira» do Constantino a um positivismo «de homem de sciencia, classificando-o como o typo mais perfeito; outros acham que os seus trabalhos são muito desenhados...

Como se isto constituisse defeito e não mostrasse antes a sua probidade de reprodução sem «trucs» nem trapalhadas habilitosas; uma «maneira» de fixar as coisas



D. PEDRO V
Quadro do artista, existente em Vila Viçosa.

sem cair na forma «lambidinha» ou «extravagante», de que, aliás, ha amadores ainda, a calcular pelo successo das decorações com «cintas» de charutos.

Mas as observações apontadas falham: Constantino era, «simplesmente», uma curiosidade erudita, por auto-didactismo, não era um scientista apurado como pretendem.

Explica-se d'este modo a sua contrariedade — direi mesmo e m birração — quando lhe chamavam «sábio»!

Constantino foi «artista» e «artista-exacto», tudo o mais que se escreva a seu respeito, que não isto, não é verdadeiro.

Assiste-me o direito da afirmação, porquanto, pedindo-lhe licença para escrever um artigo para uma revista a sair na qual tencionava revelar o que a sua morte prematura trouxe a publico, o Constantino, algo formalizado, respondeu-me: «Vossê não dirá isso! O publico não precisa conhecer-me senão como pintor: é isso que eu sou! O resto não deve passar dos amigos... é uma questão de intimidade»!

Mas ha mais: uma tarde, no «atelier», o Xavier d'Oliveira perguntou-lhe, se, na possibilidade de voltar aos tempos de collegio, ele escolheria outra profissão que não fosse de belas-artistas.

O Constantino, retorquiu de pronto que não seguiria outra profissão: «seria pintor»...

Dotado de poderosa organização cerebral, não podia de facto, ser pintor sómente, se a profissão não fosse a resultante da inclinação do seu espirito, embora lhe acudissem outras necessidades ou derivações fóra da «Arte» que exerceu como um mestre!

Matematico distincto, a mecânica e a astronomia eram-lhe de tal maneira familiares que o prendiam longas horas; e, metódico, logrou distribuir tão bem o tempo que para tudo lhe chegou sem prejudicar a «Arte».

Assim, estudou e praticou alterações e m helices; fabricou um telescópio (e respectivos espelhos parabolicos) e uma «bobine», conseguindo um enroscamento especial que lhe permitiu



O artista no seu «atelier». No cavalete o seu quadro «A peste expulsando os castelhanos de Lisboa». Recostado, o seu amigo Raul Aboim (Idanha).

aproveitar o maximo da tensão electrica; corrigio sextantes e calculos nauticos; fez um astrolabio; modificou um teodolito e o barometro «Fortin»; introduziu inovações n'um motor e dirigiu a construção d'um barco...

Exiniao atirador á pistola, mas devotado á caça de altanería, entreteve-se em momentos feriados a domesticar peneireiros e falcões, como alguns o viram em Belas, todo contente, sair a passeio e á caça com as aves n'um dèdolo

Justamente porque aliava ao muito talento uma modestia extraordinaria, o Constantino não aturava ou cultivava récl unos elogios e espalhafatos, abominando os individuos espectaculosos e gritadores.

Curiosa como «nota», esta scena occorrida em 1906, quando, de regresso da Italia, ele tomou passagem n'um paquete alemão...

Ao tocar em Marselha, sem mais preambulos ou explicações, mudaram-no de alojamento; e á noite o commissario de bordo, alemão gordinho e loiro, pediu-lhe desculpa: «Bem sei que este quarto não é bom»...

— «Não senhor! E' melhor até!» — volveu o Constantino.

O alemão, deveras admirado, tornou: «Melhor não é, com certeza, mas...»

E o Constantino, sorrindo, com a naturalidade e pachorra do costume, terminou desconcertando o commissario: «Olhe! o quarto é bem melhor que o outro... Basta não ter o retrato do kaiser!...»

Fugia das apresentações a «pessoas importantes» e quando não podia evitá-las encolhia-se e tornava-se insignificante.

Quando em Roma, conseguiu licença para pintar no Vaticano, de morando-se uns três ou quatro mezes no palacio, visitando e vendo tudo quanto a muitos tem sido vedado.

Aconteceu que Sua Santidade o Papa Leão XIII, na passagem pelos salões e galerias, examinou varias vezes os trabalhos — deixados sobre o cavalete — mostrasse desejos de conhecer o artista; nunca



Interior — (Os filhos do Dr. José Manuel Ribeiro)



Constantino Fernandes
(Carvão de Carlos Reis.)

foram satisfeitos porque o Constantino tinha o cuidado de desaparecer mal recebia a noticia da aproximação do Pontifice...

Verberando-lhe em tal procedimento, responderam-me: «Eu sabia lá como havia de falar ao Papa!»

O «atelier» de Constantino era um agradabi-

lissimo ponto de reunião. Frequentavam-no — uns como amigos, outros como admiradores — artistas, medicos, homens de letras, officiaes do exercito e da armada, professores e engenheiros.

Debateram-se problemas transcendentales e riu-se muito ali dentro!



O ultimo retrato do artista. («Cliché» do autor do artigo). — O «atelier» do artista após a sua morte. Nos cavaletes, trabalhos incompletos.



Antonio Lamas, Carvalho e Melo e Marinho da Cruz.
(Carvões de Constantino)



Maria Vitoria
(sanguinea)

A apaixonada pela musica e pelo canto, passaram-lhe pelo «atelier» algumas notabilidades n'este genero que o Constantino retratou, como a cantora Matilde Blanco.

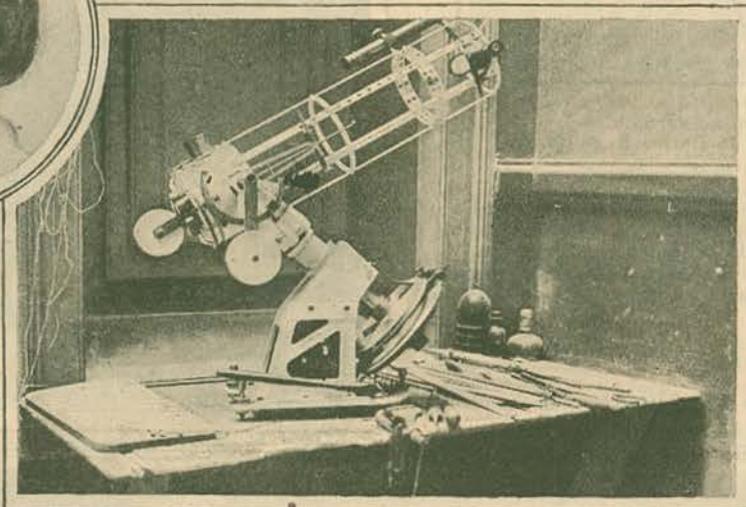
A pobre Maria Vitoria, mixto de boemia e de creança travessa, foi assidua durante muito tempo.

Constantino fez-lhe uma cabeça adoravel («sanguinea») que pertence ao David de Melo, amigo de longos anos e companheiro de Constantino no «atelier» de Paris.

Ultimamente, com a paciencia e estudo de todos os tempos, dedicou-se á creação e educação de pombos-correios.

Creio que em Portugal não havia outro que possuísse uma biblioteca tão completa sobre o assunto e que com tanto rigor seguisse os metodos indicados nos tratadistas que o Constantino levou ao ponto de «propriamente» construir o pombal com tão extremos cuidados, confortos e delicada hygiene para os «moradores», que uma vez, á hora a que ele dava de comer aos pombos... confessei-lhe a minha magua de não pertencer ao numero dos borrachos que se ufanavam do nascimento em palacio de tanta maravilha!

De madrugada, quando recolhiamos ao nosso bairro, era certo a conversa sobre «dragões» e «belgas» e a vista de livros genealogicos d'aquelas especies



A sua banca de trabalhos, no «atelier». Um cantinho predileto — Um telescopio construido pelo artista.

e o lumbidias que ele andava seguindo para apuramento de raças.

N'uma tarde, na Avenida das Cortes, encontrou-o a olhar para o ceu...

A sua attitude estava presa n'uns pombos que voavam alto, e ele, com alegria quasi infantil, informou-me: «São os meus pombos! Já veem todos comer na minha mão!...»

Compreende-se: se Constantino, aquele homem perfeitoço, alto, desempenado, senhor de mãos formidaveis que ao avançá-las para apertar alguma causava temôres de esmagamento... abrigava n'um corpo forte de bretão uma alma romantica de luso, que o maior numero não conheceu!

Chico Santos, — o mais rapaz de nós todos — uma noite, na paróla do «Martinho» chamou ás mãos de Constantino Fernandes «cacho de bananas».

O primeiro a rir foi o alvejado, gargalhando com franqueza iniludivel... e marcando no marmore da meza as dimensões das suas mãos, applicando para isso uma «regua de calculo», a eterna companheira que foi causa de muitas «blagens».

Pois d'aquelas mãos formidaveis safu toda a graça, suavidade e beleza das obras de Constantino, como brincadas entre sorrisos e sol doirado, rendas e perfumes leves, flores que murcham depressa e lagrimas que nunca secam!

Lisboa, 28 de Junho de 1920.

Affonso Branco.



PALESTRA AMENA

O dito por não dito

Confessamos o nosso erro e quem confessa que errou deve ser perdoado. Por uma candidez que a nossa modestia se compraz em afirmar, dissemos n'esta mesma secção, recentemente, que o aumento do preço das passagens nos carros electricos tinha resolvido varios problemas atinentes aos mesmos carros, como o do des congestionamento de passageiros, o da educação do pessoal empregado na tracção, o dos trocos, etc. Pois dissemos numa reverendissima asneira, com per dão de quem nos lê.

Nos primeiros dias é certo que tudo se passou como narrámos; o publico, indignado ou admirado com os aumentos, deixou de frequentar os carros electricos e passou a andar a pé as distancias relativamente curtas. Esta sabedoria foi, porém, sol de pouca dura; passada a primeira impressão, quando supunhamos que o bom senso entrara, finalmente, nas cachimonias, eis que tudo voltou á antiga: tudo menos os preços. A concorrência aos electricos voltou a ser o que era d'antes, a tenue camada de delicadeza que velou o instinto de pessoal voo rápida e subtil

— tudo o que tão bons princípios leva-va desapareceu. Continuam os assaltos nas passagens, os cachos humanos pen durados nos estribos, as más criações, as reclamações a que se fazem ouvidos de mercador, etc.

Nunca mais nos iludes, querido lisboeta. Quando alvitres que, para se resolver o problema da carestia da vida, se deixe de comprar o que custa um dinheirão, que se mandem virar os fatos, se usem botas arrombadas, se não comam acepipes, não se aluguem automoveis, não se vá para os «fan- teils» dos teatros, já cá se sabe que são conselhos que dás aos outros e que não tomas para ti; os traficantes que continuem a pedir exorbitancias pelo que lhes custou uma miseria, porque tu pagas tudo o que te pedirem, não reaes senão no primeiro momento, és ingenuo, és tolo, és — digamo-lo assim — uma grandissima besta.

... E vamos lá meter-nos n'um electrico para o Rocio, apezar de não ser coisa de estafar uma caminhada do Terreiro do Paço até lá, porque Maria vai com as outras e onde ha tanto burro um a mais ou a menos não faz ao caso.

J. Neutral.

to purgativo das aguas da Curia. O mel- hor é a — fala o inspirado aquista— «Tuna de Aguiar, logar sobranceiro e berço natal do grande posta Castilho, terra onde o espirito artistico e musical se dualizou n'um illustre professor do ensino primario, o sr. Artur Portela, que dirige a tuna e verseja assim nas horas vagas:

A Tuna é o amor do povo inteiro, A Tuna é sentimento peregrino, Se gargalha nos sons do seu pandeiro Tambem chora nos sons d'um violino!

«Um bandolim é voz q soluçar, O violoncelo a dor d'um coração, A flauta o peito de continuo a arfar, A voz solene e grave—a rabeço.

Se é licito a um intrometido dar uma ajuda ao vate dualizado, que deve ter ficado extenuado com o esforço da ges- tação, aí vai o complemento :

O flautim é pombinha em seu arrufo, O vento na floresta, o saxofone, O temporal, a caixa no seu rufo, Um jumento a zurrar é o trombone.

O bombo é romarias com chinfim, Linbues, um sermão do sôr prior, E' um gelo fanhoso o corn tim, O clarinete a voz do meu amor!

Resposta

Socego

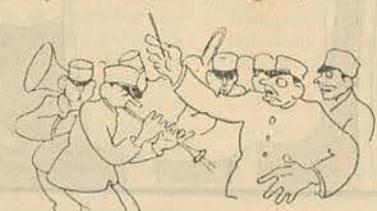
Na revista teatral agora em cena na Trindade, «Chá e torradas», os autores apresentam um cidadão galego afirman- do que em Espanha reina constante so-

intervir a policia, resultando do con- flicto muitos feridos.»

Como se vê, socego completo, se- gundo diz o galego do «Chá e torradas». E já agora comparem com o que se passou em Lisboa, quando não só consto- tu que as tarifas iam aumentar, mas aumentaram efectivamente, coisa de 200 por cento: por pouco que a multidão não foi com filarmónica á frente a San- to Amaro cumprimentar e dar vivas á companhia.

Poeta filarmónico

Onde se está passando o tempo deli- ciosamente é na Curia. Ali, segundo o correspondente d'uma folha lisboeta «entrelaçam-se em fraterno convívio a natureza e a arte. Se Guy de Mau- passant — acrescenta — antes de escre- ver o Mont'Orlô assistisse ao entar- decer, no largo da Curia, a heroína do seu romance, que é a encantadora his- toria d'uma estancia de aguas, não se-



ria numa perda do amor, mas numa alu- cinada, restituída á luz da razão pelas doces paisagens de que só se enamoram as almas privilegiadas!...»

Mas o melhor não é isso, nem o efei-

Uma gréve que nem por isso nos causou grandes transtornos foi a dos criados do Avenida Palace, que a fizeram por não quererem pagar a loiça que quebram.

Todos compreendem porque ela nos foi indifferente: 1.º porque nem quan- to ganhamos n'um ano nos chegaria para um jantar no Avenida Palace; 2.º por- que se fizéssemos pagar á nossa criada a loiça que parte, ela dava-nos com os poncos pratos que temos inteiros na cara, de onde resulta que está muito mais adeantada do que os criados do dito hotel.

... Fica assim respondido o «con- stante leitor» que nos apontou o facto, pedindo que o comentássemos.

A serio

Tal como sou...

Cultivando este aconeo de agradar-te, Ao mesmo tempo o meu olhar inquite o Vê do céu plumbeo o pavoroso aspeto Agora, sempre, aqui, em toda a parte!

Não podes compreender o amor discreto Que tenho no meu peito para dar-te! Desgostos que a tua alma não comparte Sombream, na verdade, o meu afeto!

Tal como sou, contudo, esq'va e triste, Foi assim, sempre assim, que tu me viste! — Melancólica luz a'um sol-poente! —

Já era assim, quando uma tarde, a medo, Me revelaste o fêruo o segredo Do teu amor apaixonado e ardente!

RUBEN DE LARA.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada amétade:

Lenso mão da penna prate dezer que vanho agora mémo d'uma matiné ó lá que diabo é nu triato Nassiunal dada pellos cachopinhos da iscola da arte de arropersintar coizas do sr. Julio Dantas i que ce cumpunha de 3 pessas mas en fiqui imbuxado cum a prumera que vim i raspoime logo que foi um regalo, que vinha a cer u «Edipo» ó coiza qui u valha d'um ome toudo grego xamado Safócles cu dito sr. Julio Dantas de çusiedade cum u sr. Lopes de Mindonsa tarduziram (istá-se a ver) do proprio urginal, arranjado já se sabe ó gosto das pelateias de oje i das matinés gartnitas. Que isto é, nan foi cenão um bucadinho da pessa mas pur ali logo a jente vê que pra istudantes nada mais proprio nim mais fael ca tarjedia grega; im um caxopo pondo umas brabas, uma taneca i agarrando u'um varapau fica logo rei grego por uma penna; foi u que acuntesseu caquilo inté pairesse que istá uma peçoa in Tebas a oivir o Edipo a arressitar versos brancos. Infim, sempre te digo cu caxopo me alimbron infetivelmente u Mumei Suli cando era piquinino i que á munto a isprar dele cando xegar lá pró 5.º ato, ce lá xigar. Cumo te dice fiqui tão arrelimpado que me fui imhora i cum isto nan con mais istenço cenão pra te dezer ca revista «Xá i torradas» tem grassa, 20 fados e muntas verdades cumo aquella du Xuão Franco dezer que já á muita gente que tem coidades d'ele. Inté breve purque in agosto lá von á terra ver us amanhos i matar coidades de tu, da caxupada touda i dos noços baeros que nunca nem da alimbrança du teu ispouso inté sempre i ubrigado

Jerolmo,
Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas.

Pobre homem!

Quem está sofrendo muitissimo com o aumento dos preços, sabem quem é? Não adivinham?...
E' o papa. Sua santidade está tão mal de fundos que até...
Vejam este telegrama de Roma:
«No Vaticano celebrou-se a festa de



S. Pedro. O papa envion uma carta autografa ao cardeal Gasparri (enjo primeiro nome é Pedro), felicitando-o pe-

EM FOCO



Francisco Antonio Corrêa

*Cautelinha ao sentar-se na cadeira
Do seu antecessor; chame o criado,
Que trate de limpa-la com cuidado,
Que nem um grão lhe deixe de poeira.*

*E' que podem pegar d'essa moneira
As doenças que o tinha apçquentado
E celebrar com França algum tratado
Como ele fez na hora derradaira.*

*Supoz o Xavier—pobre criança!—
Que a França recebendo os nos:os vinhos
Nos lançava por isso na abastança;*

*Não siga vosselencia tais caminhos,
Não dê compensações. Então de França
Não importamos nós os cochopinhos?*

BELMIRO.

lo sen dia onomastico e oferecen-lhe um calix de ouro, cravejado de pedras preciosas».

Coitadinho! Primeiro, escreven uma carta, o que, pelo preço actual do papel, já deve ter dado um rombo bem bom na burra pontificia; depois, vin-se obrigado a dar uma prenda absolutamente reles, qual seja um calix de ouro, ainda por cima cravejado com a porcaria das pedras preciosas!

E' de crer que a cristandade aproveite a occasião para socorrer o santo padre, que, pelo que vê, está na ultima miseria!

Homens e bichos

Ha dias realison-se na Camara Municipal uma sessão solete para entrega de medalhas a diversos homens que se têm distinguido na pratica de actos de benemerencia para com os animais irracionais. Foram em numero de 44, nem menos, as medalhas e diplomas distribuidos, o que prova que se o portuguez fosse tão bondoso para com o seu semelhante como o é para com os bichos, não comeriamos pão com vidro nem tudo o mais nos custaria os olhos da cara. Até dá vontade d'uma pessoa ser cão, para ver se a tratam bem.

Ao desafio

Estamos envergonhadissimos. O Mexico teve na semana passada tres revoluções e nós ha mais de quinze dias que não temos nenhuma!

Cumo se tem visto, durante muito tempo os dois paizes andaram a par, nesse «sport»; depois o nosso adeantou-

se consideravelmente; agora deixa o Mexico passar-lhes adiante e atraza-se sem o menor pejo!

A coisa tem só uma explicação, que se depreende da ultima estatística é a emigração de portuguezes em massa — e sem «massa» — para a America;



faltam aqui e sobram lá, de onde esta desigualdade, que nos é desfavoravel.

Felizmente já se desenhann no horizonte sinais de que a situação mudará; pelo menos o Bernardino já empanhou a trombeta de Jericó!...

E' aproveitar, emquanto tem um bocadinho de fôlego.

Correspondencia

«Liberato» — Se não é o Pinto, não temos medo nenhum. Um homem é para outro homem.

«Alice T.» — Que culpa temos nós de v. ex.ª não ser o ideal do sen Daniel? Se calhar, v. ex.ª é feia como uma noite de trovões.

«A. X.» (Santarem) — Deixe lá o vinho socegado. Meta-se com a sua vida e já tem com que se entretenha.

Imprevidencia



A esposa, aflita:
— Eu bem te disse que não comesses pão ao jantar!



Constantino Fernandes, semanas antes da sua morte, prometera, a nosso pedido, uma pagina para a Ilustração Portuguesa. Essa pagina, que a morte não quiz deixar concluir, é a que, pela muita amabilidade de seu irmão, José Sobral Fernandes, damos hoje. É um lindo pierrot, car-

vão estudo para o seu quadro a óleo, que deixou começado.

Santo Tirso de Riba d'Ave

por

JOÃO PIMENTEL



Santo Tirso
Egreja e mosteiro de S. Bento



24 kilometros ao norte do Porto, seguindo a linha ferrea de Guimarães, logo na 2.^a estação, a partir de Trofa, fica a sorridente vila de Santo Tirso, com as pequenas casas brancas, muito caiadinhãs de fresco e o seu lindo Mosteiro, em terreno baixo que serve de muro ao rio. Não ha talvez no Minho todo um recanto tão cheio de encantos e de maravilhas. Todos os que, ou por acaso, ou propositadamente visitam esta linda região ficam extasiados perante as suas paisagens soberbas e admiráveis. E' banhada pelo Ave, por este pequeno rio, que os nossos poetas e prosadores têm cantado nos seus inspirados sonetos e artigos eloquentes, sentindo as belezas naturaes destes arredores. Com efeito, são encantadoras!

As margens são vestidas de uma correnteza ininterrupta d'ameiros, salgueiros e freixos; pelo rio adeante verdejam insuas como barquinhos flutuantes, onde as aves se ocultam para cantar melhor. Tanto o magestoso Mosteiro, como a sua Egreja, é que nos prende mais a vista; não ha sitio mais doce, mais suave, em todo aquele panorama visto a dois passos da vila; parece-nos um ermo delicioso, onde o nosso espirito repouisa religiosamente durante longos momentos!

Todos os rios do norte do país têm mais ou menos um aspecto geral de graciocidade, mas o Ave, entre todos esses rios, é o primeiro que eu conheço mais poético. Tndo nele respira graça, encanto e idillio; não pode ser mais belo do que él!

Pela belesa deste rio andam soletradas no cacioneiro da vila muitas quadras populares que foram recolhidas pelo sr. Alberto Pimentel no «Santo Tirso de Riba d'Ave», monografia escrita de proposito, a pedido dalguns tirsenses. Não ha realmente ninguem que não tenha por lá esta interessantissima e curiosa obra do estimado escritor, guardando-a como reliquia.

Transcrevo apenas duas quadras :

• *A' beira do rio Ave
• E' um regalo morar
• Quem tem sede vai beber
• Quem tem calor vai nadar.*

• *Canelo do rio Ave
• Deixa passar os peixinhos
• Quem namora ás escondidas
• Quer abraços e beijinhos.*

Quando as raparigas estão a lavar de manhã cedo, no rio, cantando alegremente as modinhas populares, ao passar na ponte, no caminho da estação, não ha ninguem que não pare em frente delas, ouvindo-as por momentos e contemplando mais uma vez aquele trecho romantico, muito nosso, muito portuguez, de que nos fica sempre uma suave recordação e daria um bellissimo assunto para os nossos melhores pintores.

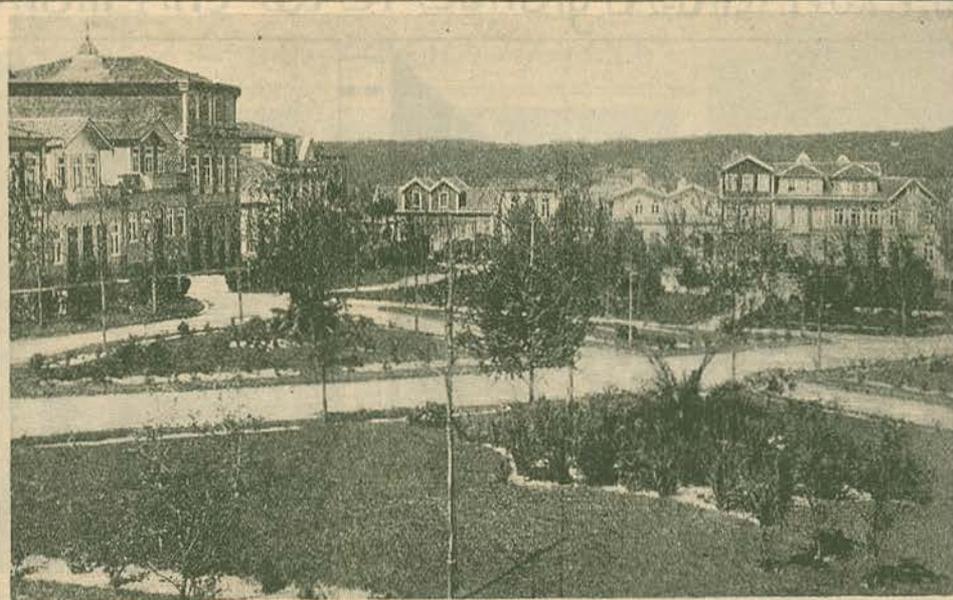
Santo Tirso tem tido os seus benemeritos, os seus protetores e bons e leaes amigos, todos procurando dentro do seu meio engrandecer e concorrer para o levantamento d'esta vila.

Falar do Conde de S. Bento é lembrar com saudade este generoso e principal benemerito, o me-



Santo Tirso — Estação do caminho de ferro





Santo Tirso — Parque Conde de S. Bento (vista parcial)

lhar dos amigos. Depois d'uma longa e laboriosa vida pelo Brazil, regressou a Santo Tirso, aos 67 anos, começando a fazer-se sentir na sua promptidão todos os pedidos que lhe eram feitos, até os mais dispendiosos. Obras da sua benemerencia lembram-me, o Edificio para uma Escola d'ambos os sexos, outra para a freguezia d'Anciães, terrenos cedidos á camara para abertura de ruas, Edificio do antigo hospital da Misericordia, a construção do Club Tirsense. Em honra da sua memoria, ha uma pequena estatua, muito simples, que segundo me dizem, não se sabe aonde ela pára, presentemente. Essa estatua representa o Conde de pé, com farda inherente ao seu titulo, a mão direita poisada sobre o peito, e a esquerda encostada a um plinto, no qual está depositado o chapéu armado.

Outro benemerito, mais recente, como por exemplo, o sr. Sousa Cruz, que vive actualmente no Rio de Janeiro e que amiudadas vezes visita a sua querida região. E' de Santo Tirso tambem. Mandou edificar um magestoso hotel, com todos os requisitos modernos, nos «Caldinhos» ou «Caldos da Saude», distante de Santo Tirso 3 kilometros. Os aquistas são tantos, que no ano passado, o hotel encheu-se por completo. E' certo que as aguas sulfureas d'alli gosam um certo credito, entre as aguas mineraes do paiz. O mesmo benemerito mandou construir na freguezia onde nasceu, em Palmela, uma magnifica Escola primaria, sendo sustentada por ele, onde a concorrência é grande. Outra generosidade, a criação d'uma «creche» na vila. Ha ali, todos os dias, um prato de sopa, ás creanças, sem numero definido. Esta «creche» é dirigida por um grupo de senhoras das mais illustres de Santo Tirso, de forma que o pratinho de sopa é sempre abundante e saboroso. Por ultimo o sr. Sousa Cruz mandou construir uma importante avenida que vem do rio e que segue pelo lado da vila até ao novo hospital.

Agora o novo hospital, obra d'outro benemerito, que se deve simplesmente á sua iniciativa, á sua coragem, porque se não fosse ele, esse hospital que lá está, a obra mais moderna que se tem feito em todo o paiz, no seu genero, satisfazendo os mais exi-

gentes, essa valiosa obra é devida ao sr. Domingos Wenceslan Moreira da Silva, que regressado á sua Patria, ao seu torrãozinho, só pensou fazer alguma coisa util á sua terra. São estes trez cidadãos que hoje honram Santo Tirso, sem duvida, por terem espalhado grandes beneficios.

* * *

Como quasi todas as vilas, Santo Tirso tem as suas festas tradicionaes, alem da romaria de N. S. d'Assunção, na capelinha do Monte Cordova, que fica no cimo do monte mais elevado. Tem um vasto panorama: todo o vale do Ave que é uma campina deliciosa. Pois ali, n'aquelle local fica a ermida, que se vê de toda a parte. E' o indício d'um grandioso santuario futuro, que cada vez atrae mais a devoção dos fieis. O sr. Manuel Eduardo de Sousa, antigo negociante e um dos mais devotos, mandou fazer em Vila Nova de Gaia, a imagem da N. S. d'Assunção; é uma linda figura d'uma santa subindo para os ceus em brancas nuvens e rodeada por côro d'anjos; é uma curiosa maravilha nas suas linhas geraes e duma esplendida fantasia em todos os detalhes, desde a expressão suavissima do rosto, n'um extasi divino, até ás ondulações do manto e do vestido. Pois a romaria de «Nossa Senhora d'Assunção» tem o seu dia annual, em 15 de Agosto. Não se trata só d'esta festa, ha mais outra, este ano, os festejos a S. Bento, que estão marcados para os dias 10 e 12, agora. São muitos os festejos, com concertos, festivas noturnas, iluminações, fogo de artificio, procissão, feira, festa de igreja e cortejo. No dia 19, á tarde, regata no Ave, promovida pelo Club Tirsense, que tem como presidente, outro grande amigo de Santo Tirso, o sr. Francholino Ribeiro, como presidente do Club; sr. dr. Luís Trepa, vice-presidente, um apaixonado pelas coisas «sportivas».

Ora aqui está em resumo, o programa dos festejos que dá ensejo a um lindo passeio até Santo Tirso, nesta bela quadra, sem que haja perigo algum de que o sr. Ministro das Finanças se lembre coletá-lo... para as suas propostas de Fazenda.



PELAS PROVINCIAS. As grandes festas em Mirandela



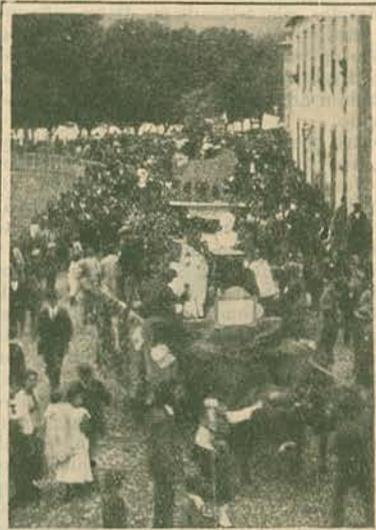
A locomotiva que tomou parte no cortejo e o pessoal da C. C. F. de Tua, Mirandela e Bragança que a construiu.



O cortejo com o carro da Arte de Ferrador.



A sede da Associação dos Artistas Mirandenses



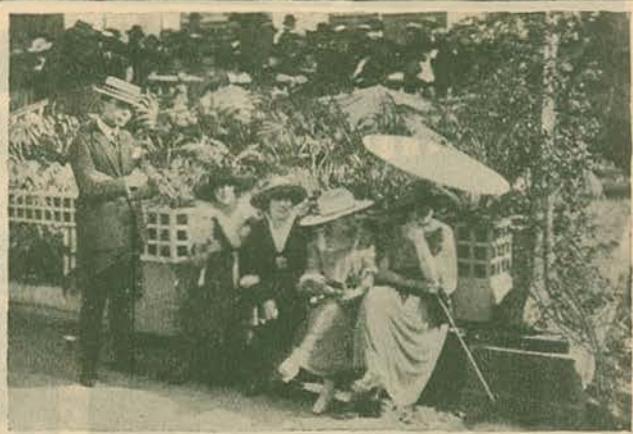
O sr. Antonio Moura Pegado - Carro da Escola de Artes e Officinas.

Em Mirandela realizaram-se grandes festejos em que tomou activa parte o operariado da pitoresca vila. Damos alguns curiosos aspectos do cortejo, dos carros e

das figuras mais importantes que nas festas tomaram parte. Vê-se que a provincia trabalha e se notabilisa com o mesmo afan com que a capital se engrandece.

(«Clichês» gentilmente cedidos á «Ilustração Portuguesa» pelo sr. Antonio Adelino Martins, de Mirandela).

No Porto: O Concurso Hipico.



Trcho da assistencia
(«Cliché» de Alvaro Martins)

O capitão Pires de Campos
(«Cliché» de Alvaro Martins)

Aspecto da assistencia
(«Cliché» de Alvaro Martins)

No intervalo—A assistencia
(«Cliché» de André de Moura)

O sr. Coronel Oliveira, representante do
sr. Ministro da Guerra, e o jury do Concurso
(«Cliché» de André de Moura)



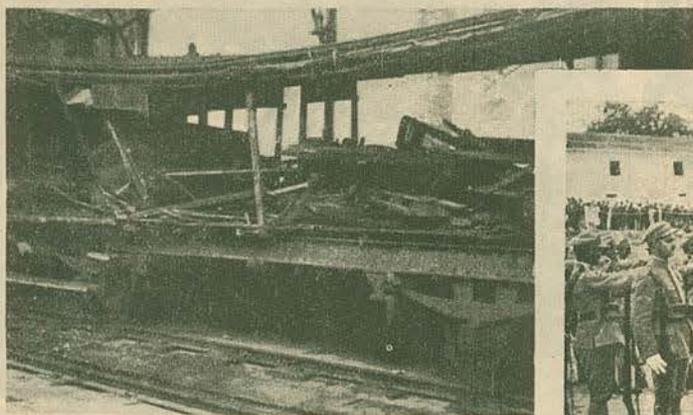
O sr. Filipe de
Moura no seu
cavalo («select».

A assistencia In-
fantil («Clichés»
de A. de Moura)

Um salto—Bran-
dão de Brito.
(«Cliché» de Al-
varo Martins).



ATUALIDADES



Uma das atualidades mais notáveis foi o abaloamento dentro do túnel do Rocio. N'ele ficou uma carruagem desfeita e morreu um homem. Pelas nossas gravuras se vê um vagão carregado de destroços e o estado em que ficou o vagão que sofren o embate. As quatro gravuras militares são do juramento de bandeira no batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro. N'elas se vê a bandeira, o juramento, o desfile do batalhão e o coronel Adriano de Sá, inspetor militar dos Caminhos de Ferro. O grupo final é das alunas do Instituto do Professorado Primário que em Bemfica na sua séde, realizaram a festa do encerramento dos trabalhos escolares.

(Clichés Serra Ribeiro)



"THE MERCANTILE AGENCY"

Agência Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Possue no mundo inteiro e sob a mesma razão social

248 SUCURSAES

<i>57</i>	<i>sucursaes</i>	<i>na Europa</i>
<i>149</i>)	<i>nos Estados Unidos</i>
<i>17</i>)	<i>no Canadá</i>
<i>7</i>)	<i>no Mexico</i>
<i>5</i>)	<i>na Australia</i>
<i>4</i>)	<i>na Nova Zelandia</i>
<i>4</i>)	<i>em Africa</i>
<i>2</i>)	<i>na Republica Argentina</i>
<i>1</i>)	<i>no Brazil</i>
<i>1</i>)	<i>em Cuba</i>
<i>1</i>)	<i>em Porto-Rico</i>

Estas sucursaes, cujo pessoal regular comprehende mais de 10.000 empregados, tem alem d'isso um certo numero de agentes em todas as principaes cidades do mundo. Esta organização complementar que emprega mais de 800.000 correspondentes estende assim sobre o mundo inteiro os seus serviços e sua acção, reforçados com os seus 79 anos de existencia

CASA AMERICANA

Fundada em New-York em 1841.

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

O "DEPURATOL" e a SIFILIS

Este usadíssimo preparado, UNICO extremamente inofensivo e UNICO abso- lutamente inofensivo, está registado em numerosos paizes e oficialmente aprovado pelas Juntas de Saude e Higiene de varias nações.

O *Depuratol* sendo Inalteravelmente o mesmo preparado de sempre e não sendo um produto novo, pois conta já longos anos da mais colossal experien- cia, feita continuamente por muitos dos mais considerados medicos — que até pessoalmente o tem usado — e por uma infinita legião de pessoas, é hoje con- siderado um remédio universal, vis- o ser um purificador de sangue poderos- sissimo, que em caso algum deixa de atuar com segurança e sem o minimo inconveniente.

Sem as desagradaveis consequencias dos depurativos purgativos e sem exi- gir dieta ou qualquer resguardo, podem usal-o nas suas viagens ou occupa- ções habituaes, com qualquer tempo ou clima, todos; novos e velhos, fortes e al- quebrados.

Faz desaparecer de uma forma posi- tiva todas as dôres, tonturas, rouqui- dão, chagas, placas, pesadelos, manchas e demais manifestações da sifilis por mais graves que sejam e substituindo com incomparavel vantagem todos os tratamentos mercuriaes e inclusiva- mente o 606 e 914, levando em breve ao doente um forte appetite de comer, boa disposição de espirito e um suave bem estar jámais experimentado.

O seu enormissimo consumo até hoje nunca atingido por preparados simila- res, só pode ter explicação no facto de ser o UNICO preparado, que cura radica- lmente a sifilis sem necessidade de outros remedios supplementares, suave- mente e sem o mais ligeiro incomodo, tornando-o assim um depurativo sobe- rbo e ideal, unico nos seus effeitos!

A' venda nas boas farmacias e dro- garias. Cada tubo (uma semana de tra- tamento), 2\$00; 6 tubos, 11\$00. Pelo cor- reio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instruções em todos os depositos. Depósito geral e principal: Farmacia J. Nobre: 100, Praça de D. Pedro, 110.—Lisboa.

OUTROS DEPOSITOS—No Porto, na Far- macia Dr. Moreno, largo S. Domingos, 42. Em Coimbra, na Drogeria Marques, Pra- ça 8 de Maio, 34. Em Braga, na Farma- cia dos Orfãos e Instituto Galenico Portu- guês. Na *Figueira do Foz*, Farmacias So- tero. Em *Evora*, Drogeria Martins & Mala. Em *Tomar*, na Farmacia João Torres Pin-heiro & C.ª. Em *Setubal*, na Antiga Casa supardo. Em *Aveiro*, na Farmacia Luz & Filho. Em *Castelo Branco*, na Farmacia Mourato Grave. Nas *Caldas da Rainha*, nas Farmacias Freitas e Central. Em *Torres Vedras*, na Drogeria Barreto. Em *Fafe*, na Drogeria Bandeira, Limitada. Em *Loanca*, na casa Dantas, Valadas & C.ª. Em *Malange*, Farmacia Annes & Irmão. Na *Beira*, Caserio, Bimbi & C.ª. No *Funchal*, Drogeria Andrade & C.ª, etc., etc.

Eis aqui o Polimento!

Para usar a Cera Prepara- da de Johnson precisais sómente de um pedaço de panno—se não necessitan brochas, borrifadores nem limpadores de nenhuma classe. Basta esfregar um pouco para produzir um polimento lustroso e per- manente de muita duração.

Podeis usar a Cera Preparada de Johnson sobre qualquer acabamento, ora seja de verniz, de polimento francez ou de azeite, e o resultado será um polimento duro, secco e avelludado, impermeavel e resistente contra o pó, arran- haduras, vestigios dos saltos dos sapatos e das marcas dos dedos.



CERA PREPARADA DE JOHNSON

Liquida e em Pasta

é mais do que em polimento, porque forma uma pellicula delgada pro- tectora que serve como um preservativo maravilhoso.

A Cera de Johnson em Pó

Borrifada sobre qualquer chão produzirá immediatamente uma superficie perfeita para bailar.

O vosso commerciante terá o prazer de supprir-vos como polimento mais satisfactorio.

S. C. Johnson & Son
Racine, Wisconsin, E. U. A.

Deposito geral no PORTO: Consul- torio Dentario J. Matos, Rua 84 da Bandeira, 235. — Em LISBOA: B.

TONIKIM

O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.ª, R. — Em BRAGA: Gomes & Matos, Ave- nida Central. — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 06.



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais ba- rato vende, por ter fabrica propria, é na **Camelia Branca** L.ª D'ABEGOARIA, 50 (ao Chiado) — Tel. 3270

PELOS DO ROSTO



Extraem-se radical- mente com o uso do científico preparado OSODRAC. O grande consumo diário em Portugal, Brazil e co- lonias tem-o tornado universalmente conhecido e o mais preferido pelas suas qualidades de extracção inofensiva, sobre todos os seus similares. Garante-se a sua efficacia com a restituição da quantia. Frasco 1\$400 réis, correio 1\$500. Depósito geral: F. Cardoso, Rua Alvaro Coutinho, 33 — LISBOA, e Dro- garia Silva, Rua da Palma, 7; Rua do Bom- jardim, 284 — PORTO; Drogeria Portuguesa, Rua de João Tavora, 11 — FUNCHAL.

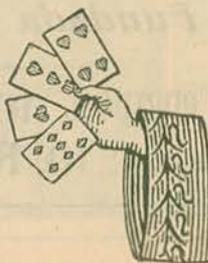


Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS
(Do Seculo)

Preço, 10 centavos

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: Completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 às 22 horas e por correspon- dencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Caçada da Patriar- cal, n.º 2.ª, Esq. (Cl- mo da rua d'Alegria, prédio esquina)

PÓ DE ABYSSINIA EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 35 Anos de Bom Êxito.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 8, Rue Dombasle
 PARIS
 2 SUAS PHARMACIAS

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edifício proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918 — Esc. 6.579.529\$26

Dividendo distribuido idem, idem — Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespases, maritimos e de minas. Seguros de vida (em organização).

AGENTES:

José Henriques Totta & C.^o

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

Este homem conhece vosso

passado, presente e futuro

O seu poder maravilhoso surpreende todos aqueles que o consultam e que tem beneficiado dos seus conselhos.

Se V. Ex.^a deseja conhecer a sua vida e receber GRATUITAMENTE uma Leitura de Ensaio, queira enviar: o seu endereço, data de nascimento (dia, mez e ano) escripto bem ligivelmente pela propria mão de V. Ex.^a ao Professor POZZO, Rua de Seine N.º 12. Paris. França.



Os pedidos devem ser acompanhados de 20 centavos em sellos, para gastos de correio e de escriptorio, mas roga-se a fineza de não enviar dinheiro em moeda dentro do sobrescrito.

DOENÇAS DE PEITO
 TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
 RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"
 A tosse socega-se immediatamente.
 A febre desaparece.
 A oppressão e as puncadas nailharga socegam-se.
 A respiração torna-se mais facil.
 O appetite renasce.
 A saude reaparece
 As forças e a energia reobram vida.

EMPREGADO NOS POSPTIAES, APRECIADO PELA MAIORIA DO CORPO MEDICO FRANCEZ.
 EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O
Uma colher das de chá pelo manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
 15, rue de Rome, PARIS

Pilulas laxativas Boissy
 (SAPONACEAS)
 O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias
 DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca
 Rua da Prata, 237, 1.º

ELIXIR, PÓ, PASTA E SABAO DENTIFRICOS DOS RR. PP. BENEDICTINS de SOULAC
Incomparaveis, Superiores a todos dentifricos conhecidos

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL: A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA

*Como poderá uma mulher ter encantos
se a transpiração tornar desagradavel a sua
presença em qualquer parte?*

ODO-RO-NO é uma agua de toilette, que se emprega
muito facilmente, e que de uma maneira
radical evita o cheiro e transpiração excessiva, evitando o
uso dos sovacos.

Garante-se ser absolutamente inofensivo e como o seu uso
não enfada nem tortura, recomenda-mo-lo incessantemente.



A' venda em todas as boas perfumarias, drogarias, etc.

CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS:

J. GUIMARÃES & C.ª L.ª DA

Representados por FERNANDO MOUTINHO

PORTO

Rua das Flores, 31, 1.º

TELEFONE 2474

LISBOA

Rua da Madalena, 48, 2.º

TELEFONE C. 2039